

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**COMPARATIVO TEÓRICO ACERCA DA METODOLOGIA APLICADA EM  
SALAS DE AULA COM ALUNOS SURDOS: PROFESSOR SURDO VERSUS  
PROFESSOR OUVINTE**

Franciele Oga Moreira  
Instituto Carreira  
franncy\_moreira@outlook.com  
João Gabriel de Araujo Oliveira  
UEL  
biel1\_2@hotmail.com  
Marcio Luis Ferragina  
UNIASSELVI  
marcio.aguaazul@gmail.com

**Eixo 6:** Educação em diferentes contextos, tempos e espaço

**Resumo**

Este trabalho apresenta a proposta de desenvolver, a partir de uma revisão crítica da literatura sobre o tema, onde são buscadas as diferenças aplicadas dos professores nas salas de aula de inclusão ou classes de alunos surdos. Aqui são apresentados os principais pontos positivos e negativos que englobam o tema, mostrando como a metodologia pode falhar ou não nestes casos. Aqui apresenta-se uma introdução, onde está o contexto histórico sobre surdos, sua trajetória de ensino, seguido por uma abordagem acerca dos professores ouvintes. Em seguida, é apresentada uma reflexão sobre os professores surdos e, ao final, um comparativo entre ambos.

**Palavras-chave:** Metodologia; Professor Ouvinte; Professor Surdo.

**Introdução**

O presente trabalho busca iniciar uma explicação teórica sobre a diferença metodológica entre professores surdos e ouvintes na abordagem com relação a alunos surdos em sala de aula. Resumidamente o professor surdo entende de forma mais incisiva a condição do aluno, devido a sua surdez e vivência com a cultura do mesmo, tendo em vista que a língua a ser trabalhada com os alunos surdos deve ser a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua (L1), tal como destaca Dizeu e Caporali (2005). Consegue-se, assim, desenvolver uma metodologia adaptada para o envolvimento e interação dos alunos mais naturalmente.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Brasil (2006) mostra que a inovação tecnológica melhora a educação dos surdos, desenvolvendo a criatividade, como por exemplo: internet, vídeos, desenhos em Libras, signwriting (escrita de sinais), entre outros. O professor surdo busca, através destes instrumentos, a melhoria da metodologia aplicada e descobre que os surdos possuem uma memória visual muito mais aguçada. E assim, a interação entre professor e aluno passa a ser suavizada.

O professor ouvinte se adequa a uma metodologia diferente e, como mostra Lima, Souza e Bruce (2013), sendo o português a primeira língua do professor, este não consegue adequar-se de modo preciso ao ensino da Libras de forma prioritária ao aluno. E por conta disso, surge a dependência de, além da sala de aula, a interação do aluno com a comunidade surda para que desenvolva a linguagem e a cultura, tornando um processo mais longo e exaustivo, devido à não formação propícia para atuar em sala de aula.

A regulamentação da Lei nº10.436/2002, através do Decreto-Lei nº5.626/2005, proporcionou uma revisão nos estudos e procedimentos a respeito do ensino da Libras, tornando-a vigente dentro da grade curricular obrigatória. Novos profissionais surgiram no cenário educativo: o professor de Libras com instrução bilíngue, como figuras imprescindíveis para que o acesso aos conhecimentos tornou-se possível aos alunos surdos.

Os diferentes níveis de conhecimento da língua, trazem à realidade dos surdos uma nova metodologia, podendo dar ênfase aos conteúdos, procedimentos, materiais didáticos e avaliação, buscando a melhoria da educação em todos os sentidos, não apenas para desenvolver os alunos surdos como estudantes, mas na formação de cidadãos. Essas abordagens são mostradas de forma muito precisa em Basso, Strobel e Masuti (2009).

Uma alternativa que vem sendo estudada é a implantação da pedagogia surda, conforme Kalatai e Streiechen (2012): “A pedagogia surda surge com a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação dos surdos, pois ela é uma metodologia que atende de forma satisfatória as especificidades dos surdos, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito”. Sendo assim, a integração entre os conhecimentos baseados na formação de um cidadão é inserida de acordo com as necessidades e limitações impostas pela surdez.

Para melhor entendimento de todo o desenrolar tratado nesta introdução, o trabalho se divide em cinco partes, sendo a segunda o

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

desenvolvimento histórico da metodologia aplicada aos surdos; a terceira uma explicação a respeito da metodologia adotada por professores ouvintes em salas de aula com alunos surdos; a quarta a metodologia do professor surdo para com os alunos surdos e, por fim, a conclusão que se dá a respeito de ambos os agentes.

### **História da educação dos surdos**

A luta contra barreira durante o processo educativo dos surdos remete aos primórdios da história, de modo que os acontecimentos podem ser organizados na ordem dos acontecimentos principais pela dissolução do preconceito. O que nos mostra que esta busca pelos direitos da comunidade surda e, principalmente, pelo desenvolvimento linguístico de tal se dá mediante a melhora da comunicação, onde Sacks (1998) conclui que uma surdez pré-linguística é mais devastadora que a cegueira, pois esta torna o surdo incapaz de comunicação e forçando-o a sérios problemas de falta de controle do próprio raciocínio. Mesmo sabendo que a inteligência está presente, os remetem a níveis mais suscetíveis por exclusão da língua.

Este mostra que os surdos sem língua própria não conseguem uma boa comunicação. O primeiro método desenvolvido para a educação formal dos surdos partiu das ideias do professor Pedro Ponce de Leon, que criou o alfabeto de sinais. Sua metodologia concentrava-se em ensinar a alfabetização em sinais e oralização; logo após o padre espanhol Juan Pablo Bonet desenvolveu um método de ensino constituído principalmente em ensinar o alfabeto manual, entretanto, o principal foco tratava-se de fonoarticulação<sup>1</sup>, mais conhecido como oralismo e, a partir deste, publicou seu primeiro livro em 1620, como destaca Moura, Lodi e Harrison (2005).

Strobel (2009) mostra que os autores da época divergiam na defesa do sucesso ou insucesso da oralização e ensino da língua de sinais. Entretanto, a partir das resoluções do Congresso de Milão, na Itália, em 1880, o oralismo tomou força e dominou o ensino aos surdos, tornando-se a única metodologia vigente e excluindo a língua de sinais, proibindo o uso de língua de sinais dentro de escolas públicas e, por consequência, também os professores surdos foram demitidos das escolas, como mostra Carvalho e Nobrega (2015).

---

<sup>1</sup> Produção de som pela laringe através da vibração das pregas vocais.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

O desenvolvimento de novas estratégias de ensino se davam por meio de escrita, oralização, gestual e sinais, e entre outras. Visto isso, percebeu-se que o ensino baseado no oral não demonstrava total eficiência, de modo que necessitou-se que a metodologia evoluísse para o ensino conjugado entre sinais e oral. O professor de surdos Roy Holcomb aperfeiçoou para seus filhos o estudo mediante uma nova abordagem de comunicação entre os surdos, chamada de comunicação total, que segundo Meserlian e Vitaliano (2009, *apud* COSTA, 1994, p. 103), este procedimento é baseado em aspectos múltiplos que vinculam os sinais e oralismo, tendo por perspectiva abordar novas formas de ensino e comunicação dos surdos.

No Brasil, essa transformação se dá através do ensino bilíngue, onde passa o surdo a aprender como primeira língua (L1) a Libras e em segundo ato o português, tendo esta necessidade por parte da escrita e do convívio com a população ouvinte. Para Meserlian e Vitalino (2009) e Goldfeld (1997), o chamado bilinguismo refere-se à primeira língua como a materna, o que difere da comunicação total. Mostrando que esta comunidade não precisa buscar semelhanças aos ouvintes, mas assumir sua própria identidade.

E assim, no dia 26 de setembro de 1857, fundou-se o Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES/RJ, cujo nome original era Imperial Instituto de Surdos-Mudos. Dom Pedro II fundou a escola porque tinha um neto surdo e convidou o professor francês Eduardo Huet para trabalhar na educação de surdos com forte influência da LSF, dando continuidade ao desenvolvimento da Libras. Entretanto, em 1880, aconteceu o congresso Milão-Itália, que proibia, como visto anteriormente, a utilização de sinais na educação dos surdos. Então, Eduardo Huet defendeu a continuidade dessa abordagem, porém, não sendo vitorioso, como destaca Nerli e Ricardo (2015).

A Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2002 se constituíram em uma vitória política e social para os surdos no Brasil. Mas o que é Libras? É a Língua Brasileira de Sinais, a qual trata de uma comunicação e expressão, com sistemas linguísticos de natureza visual, motora e com estrutura gramatical própria. Constitui-se de um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. A utilização da Libras, como mostra Eduardo Azevedo (2006), é um direito da cultura surda para que esta possa viver em comunidade e se comunicar. Não

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

apenas a comunicação deve-se fundamentar o acesso à Libras e para isso requer-se o ensino, formação de instrutores, professores surdos, intérpretes e políticas das mais diversas áreas, tais como: saúde, educação, trabalho, lazer e turismo, entre outras.

Trata-se de uma língua materna que o surdo tem como direito pelo desenvolvimento cultural, social, acadêmico e educacional. Até os dias atuais, os surdos têm lutando constantemente para melhorar a sua acessibilidade, tendo garantido o direito de quebra de barreiras, no entanto devendo continuar firmes nesta busca.

### **Metodologia e o papel do professor ouvinte**

Apesar do contexto histórico do desenvolvimento de metodologias para o ensino de alunos surdos, a maior parte dos professores ouvintes da educação tem dificuldade em trabalhar com os surdos. Seja pela falta de preparo por parte dos mesmos e/ou falta de incentivos governamentais, tais como Aldenora, Francisca e Christiane (2013, p. 6) analisam este fato da seguinte forma: "O principal empecilho para a inclusão dos alunos surdos é a falta de formação docente. Os professores não se sentem capacitados para atender os alunos surdos".

Logo, aprender sobre o avanço da língua de sinais torna-se uma necessidade e a participação de cursos que levam no seu escopo temas tratando da metodologias aplicadas nas salas, com portadores de segunda língua, como por exemplo as que tomam como principal objeto de incentivo o estudo de técnicas visuais. Souza e Góes (1999) reforçam em seu trabalho, que a inclusão dos surdos em salas regidas por tais profissionais da educação depara-se com a dificuldade de aplicação de metodologias que englobam aulas visuais ou que os docentes desconheçam Libras, logo não estão preparados para receber em sala alunos surdos. De modo que a dificuldade principia da utilização da língua portuguesa como primeira língua (L1) e esta torna dificultosa a comunicação e aplicação das metodologias adotadas.

A implicação de tais ações faz com que o aluno surdo se torne dependente de um relacionamento, muitas vezes exacerbado, com alunos ouvintes na busca por uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Silva *et al.* (2016) mostra que a Libras é a L1 para os surdos e a segunda língua (L2) se dá pela portuguesa, pois estes buscam a L2 como mecanismo de leitura e escrita apenas,

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

mas sua comunicação se dá predominantemente pelos sinais. Em virtude disso, devem ser tomados os cuidados necessários para que não afete a formação do cidadão surdo. O mesmo autor indica uma comparação com a introdução da língua inglesa nas escolas, onde são ensinados de forma vagarosa e com maior precisão.

Em face a este contexto, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), lei nº 9.394/96 (BRASIL,1996), mostra que os sistemas de ensino deve assegurar que os alunos sejam atendidos com qualidade. Assim, os professores devem adequar-se a uma formação específica para o atendimento de tais alunos, buscando capacitações e especializações para a apresentação de soluções as dúvidas com devida frequência, em igualdade ao tratamento dos alunos ouvintes. O desenvolvimento metodológico por parte dos professores deve apresentar-se através da percepção em sala de aula, em face à dificuldade do aluno surdo, e assim, adaptando-se ao ensino do mesmo. Deste modo necessita-se mais da aplicação de técnicas visuais em virtude da limitação auditiva. Maria, Fernanda e Daniele (2016) ressalta, que o sujeito surdo tem como prioridade a Língua de Sinais, podendo assim ter um melhor desenvolvimento cognitivo e, a partir de então, a língua portuguesa para que adeque sua escrita e leitura.

Em detrimento destas barreiras, a necessidade do conhecimento do professor ouvinte com respeito à Libras torna-se primordial, principalmente pelo aumento da inclusão dos surdos em escolas regulares. Infelizmente a não adequação destes profissionais pode causar cicatrizes enormes na formação do indivíduo surdo e, com isso, traumas no aprendizado, tornando assim o processo e a experiência menos aconchegante e até desagradável a estes indivíduos. Por outro lado, existem aqueles que ainda buscam a melhor integração e lutam pela independência e igualdade entre surdos e ouvintes.

Felipe (1997) e Gonçalves e Festa (2013) mostram que a deficiência das escolas inclusivas parte do fato de os alunos ouvintes não possuírem a língua de sinais em seu rol de aprendizagem, tornando a comunicação árdua e precária. Assim, para Peixoto, Peixoto e Albuquerque (2007), o aluno surdo deve ter acesso a escola de surdos, buscando uma melhor integração entre a própria cultura, onde o ensino verse sobre a metodologia adequada aos integrantes da comunidade e colocando com L1 a Libras e não a língua portuguesa.

As escolas de inclusão, apesar de serem ambiente muito favoráveis, pois estas inserem o surdo no ambiente social muito próximo da realidade que este

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

enfrentará fora das escolas, conflita o aprendizado da L1 com L2 do surdo, de modo a confundir o desenvolvimento do sistema cognitivo. Góes (1996) relata o atraso da linguagem, interação social, emocional e cognitivo por conta do não tratamento adequado com a língua. Desse modo, o professor regente deve adotar metodologias alternativas para que não prejudique aqueles que participam da inclusão e mais, buscar integrar o aluno à comunidade para que este, além de aprender, possa ensinar os demais. Lima, Souza e Bruce (2013) atentam-se a respeito deste assunto.

No Brasil a língua de portuguesa como L2 torna possível que existam metodologias próprias para ensino desta para os surdos. E o ensino objetiva fortalecer o aprendiz na habilidade de leitura e escrita, como mostra Lima, Souza e Bruce (2013, *apud* FREIRE, 1998) sobre o bilinguismo com aquisição da L2. O sujeito surdo pode ter sua própria cultura e língua vivendo em uma sociedade ouvinte, que faz uso rotineiro do português. Segundo a lei 5.626, de 22 de dezembro de 2005, é ressaltado através do Art 7º inciso III “professor ouvinte bilíngue: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação”.

Então compreende-se que o problema não está na inclusão, mas no sistema no qual este está inserido, onde deve-se realizar incentivos à educação da formação do docente responsável pela disciplina ministrada aos surdos e para que este consiga desenvolver metodologias adequadas à integração do aluno na sociedade. Como aponta Kalataí e Streiechen (2017), uma boa metodologia promove interação do professor com o contexto histórico, o que é abordado na pedagogia surda. Ela dá ao professor a necessidade de buscar compreender como a sociedade implica na qualidade da metodologia adotada por este docente em questão e quais as falhas no que tange ao convívio com alunos surdos, dando transparência a quais necessidades devem ser sanadas.

Entende-se que não se trata de um processo simples e rápido, mas uma mudança no contexto social direcionado por uma liderança forte que consiga, através de políticas educacionais e sociais, trazer as escolas que aceitam alunos com surdez a trabalhar na fronteira do desenvolvimento e, assim, aderir a uma melhor formação do cidadão, desde a conscientização dos familiares e amigos, até a metodologia abordada em sala de aula. Passa então a ser uma questão fortemente

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

cultural frente à sociedade. Através deste contexto, este trabalho passa a versar com respeito a relação aluno surdo e professor surdo.

### **Metodologia e o papel do professor surdo**

Relatados os pontos positivos e negativos do professor ouvinte, vê-se que um dos principais problemas trata-se da dificuldade de comunicação e, com base nesta dificuldade, percebe-se que por muito tempo a comunidade surda tem se desenvolvido com muita dificuldade de interação social no Brasil, onde até meados da década de 1990 quando surgiram os primeiros movimentos fortes, os surdos passaram a lutar pelos direitos e principalmente pela regularização da Libras. Através destes movimentos, em 2002, Fernando Henrique Cardoso assina a lei 10.436/02, reconhecendo a Libras como comunicação oficial das pessoas surdas e pouco tempo depois, em 2005, a lei 5.626/05, que passou a garantir o processo educacional bilíngue no país, trazendo com esta lei a garantia de novas oportunidades para o desenvolvimento da comunidade. Lodi, Rosa e Almeida (2012) mostram que após as adaptações sociais impulsionados por estas leis, deu-se força aos movimentos que buscam seus direitos.

É importante ressaltar que a população ouvinte é muito maior que a surda. Entretanto, a acessibilidade e integração destes alunos se trata de um fator tão importante quanto a de iguais. Lodi, Rosa e Almeida (2012, *apud* GÓES & TARTUCI 2002) mostram que uma criança usuária de outra língua normalmente vive isolada no contexto educacional. A língua de sinais como material semiótico é responsável por permitir a interação de seus usuários surdos e participação em toda atividade sociocultural. Incentivar a presença de professores surdos como participantes ativos, práticas escolares juntos as crianças, jovens e adultos surdos, estimula a educação bilíngue.

Pela dominância da língua, o professor surdo trata de desenvolver com maior precisão e eficácia a metodologia a ser adotada por alunos surdos, de modo que este adequa a sala de aula à L1 como Libras, diferente do associado ao professor ouvinte. Strobel e Masutti (2009) mostra que o ensino não deve ser apresentado em diferentes níveis, mas adequado à realidade de cada aluno com as suas respectivas necessidades. O principal fator a ser analisado, trata-se de que a metodologia não é a mesma para toda a sociedade. Logo, a adotada pelos



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

professores surdos aos alunos surdos reflete a realidade destes vivida e podendo assim passar adiante, agregando àqueles que se enquadram na mesma realidade.

O currículo educacional deve ser adequado ao currículo comum disposto na Lei de Diretrizes da Base da Educação Nacional, entretanto obedecendo as leis já citadas, as quais garantem o direito de aprendizagem ao aluno surdo e este sendo amparado por estas para que tenha toda a acessibilidade de direito. Logo, com a facilidade na comunicação e a experiência como surdo, o professor surdo traz a essa realidade todo o arcabouço necessário para que sejam aplicadas todas as diretrizes propostas e, com isso, uma educação adequada aos alunos. Os objetivos das disciplinas que trabalham com sinais, conforme cita Strobel e Masutti (2009), devem seguir o seguinte contexto: a pedagogia visual na qual tanto o professor quanto aluno estão fortemente inseridos neste contexto, experiência do ensino em diferentes níveis de ensino (básico, intermediário e avançado) e escrita de sinais.

Para tanto, como o professor surdo possui sua primeira língua baseada em sinais, este, possui uma maior facilidade em relacionar as ideias sendo conceitual o princípio de que a experiência de vida interfere positivamente na base deste ensino. Por conta disto, a metodologia destes se integra melhor à realidade dos surdos. Com isso o trabalho bilíngue torna-se mais preciso e, como mostra Kuabaski, Moares e Eixo (2009), apesar de o bilinguismo trazer uma boa formação aos alunos surdos, a maior eficácia surge dessa interação pela melhor comunicação, dada pelo rigor da fluência na comunicação e em experiências similares.

Infelizmente a quantidade de surdos formados e qualificados para agirem na educação básica e/ou superior é baixa, entretanto vem aumentando muito, como é apresentado por Martins e Napolitano (2017). Isto observa-se principalmente com a relação ao programa de educação para todos que vem sendo implantado no Brasil, onde os surdos usuários de LIBRAS adequam-se no direito assegurados por lei, de que devem ser implantadas acessibilidades em exames de vestibulares, o que traz maior acessibilidade a estes indivíduos, em especial no que tange à correção das provas que devem considerar as diferenças percebidas em cada deficiência, como mostra Martins e Napolitano (2017).

Outra dificuldade ainda a ser vencida é a não existência de um currículo unificado onde a L1 dos surdos seja levada por professores surdos, o que faz com que o curso não atinja a qualidade necessária para o desenvolvimento do

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

indivíduo com maior acessibilidade. Ademais, os conteúdos e a metodologia para ouvintes, estratégia de ensino de L2, poderia de forma muito eficaz, melhorar a integração das duas comunidades distintas, entretanto, convivem em um mesmo ambiente e necessitam da integração para a busca de uma sociedade mais igual. Por fim, a falta de material didático em Libras, especialmente a escrita de sinais, tem tornado muito precária a educação básica dos alunos, como reflete Strobel e Mastti (2009).

### **Conclusão**

Os professores ouvintes, que trabalham em escolas inclusivas devem buscar uma melhor formação, a qual se adeque à realidade do aluno surdo, capacitando-se adequadamente para que não deixe a desejar ou prejudique o desenvolvimento do aluno, principalmente porque este deve aprender a Libras como L1 e o português como L2. Com isto, os incentivos governamentais devem ser fortes e principalmente assegurar que a lei seja cumprida, destinando intérpretes com formação idônea, onde o professor regente possa interagir e adequar toda a sua metodologia.

É importante que esta classe busque formação onde possa trabalhar com materiais visuais e interativos, tendo em mente que a metodologia tradicional não capacita o aluno e pode causar exclusão deste no meio educacional. Além disso, deve mediar a interação do aluno surdo com os ouvintes, para que não haja, de forma alguma, um pré-conceito em relação à capacidade do indivíduo surdo e este passe a integrar a sociedade com mais veemência e, principalmente, para que aprenda sempre a buscar seus direitos com total eficácia, tendo-se em vista que não se deve generalizar este fato, dado que os profissionais comprometidos como tais devem continuar e se aperfeiçoar cada vez mais.

O professor surdo faz a metodologia adaptar-se à própria língua de sinais, facilitando a comunicação e ao aprendizado do aluno surdo, não sendo necessário o uso exaustivo do português, mas conseguindo relacionar-se e passar o conteúdo com maior facilidade aos seus similares. Este apresenta maior facilidade em elaborar contextos em sala de aula com artigos visuais e, através da LDBN, orientar aos seus discentes aquilo que se faz presente para os alunos ouvintes em escolas regulares. Logo a acessibilidade trata-se de um mecanismo como uma interação natural e desprovida de barreiras, podendo de forma muito precisa inter-

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

relacionar-se com os presentes estudantes, independentemente da idade ou condição, através da fluência de sua língua. Entretanto, apesar de não existirem barreiras na comunicação, o incentivo familiar, social ou governamental de estudos avançados para que estes compoñham o quadro de docentes é baixo e principalmente, dado o histórico social da comunidade surda, o reparo à falha na educação destes indivíduos vem a ser uma luta constante para que possam formar cada dia mais profissionais qualificados para assumir tais posições, situação hoje onde observa-se escassez destes profissionais.

Logo, o professor ouvinte consegue trazer à realidade uma acessibilidade, desde que este busque o aperfeiçoamento constante e a adequação de sua metodologia, promovendo o incentivo, tanto pessoal quando governamental para que as escolas possam adaptar o ensino também aos surdos. Já em relação aos professores surdos, apesar da ligação histórica de suas experiências, a existência de poucos indivíduos capacitados dificulta a formação de escolas próprias para surdos e estes, da mesma forma que os ouvintes, devem ser incentivados a buscar formação pedagógica adequada e, assim, poder passar adiante todo o conhecimento adquirido de forma fluente e precisa. Essa metodologia trata-se da pedagogia surda, onde ambos os professores ouvintes ou surdos conseguem aplicar, dado o contexto social e histórico do aluno, de modo mais eficaz para a inserção deste visando uma educação de qualidade.

### **Referências**

ALBRES, Neiva de Aquino. Formação e trabalho docente de professores surdos para o ensino de Libras como língua materna. In: V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. 2012, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2012. p. 663-679.

Disponível em:<

<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=235>>. Acesso em: 03 de ago. 2018, 20:54:33.

AZEVEDO, Eduardo. **Língua Brasileira de Sinais: Uma conquista histórica**. Brasília, Senado Federal. 2006.

BRASIL. Decreto-lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 de dez. 1996.

BRASIL. Decreto-lei nº 10098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 de dez. 2000.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

BRASIL. Decreto-lei nº 10436, de 24 de abril de 2002. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 de abr. 2002.

BRASIL. Decreto-lei nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 de dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Evolução da Educação Especial no Brasil**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>> Acesso em: 20 Abr. 2018.

CARVALHO, Vanessa Oliveira; NÓBREGA, Carolina Silva Resende. **A história de educação dos surdos: o processo educacional inclusivo**. UFPB: 2015.

COSTA, M. P. R. Orientações para Ensinar o Deficiente Auditivo a se Comunicar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 53-62, 1994.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação Social**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, Ago. 2005.

FELIPE, Tanya Amara. Escola inclusiva e os direitos linguísticos dos surdos. **Revista Espaço – INES**. v. 7, p. 41-46, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e educação**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

GÓES, M. C. R. de; TARTUCI, D. Alunos surdos na escola regular: as experiências de letramento e os rituais da sala de aula. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de; TESKE, O. (Org.). **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo, Plexus, 1997.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Ensaio Pedagógico**. Curitiba, n. 6, p. 1-13, dez. 2013.

KALATAI, Patrícia; STREIECHEN, Eliziane Manosso. As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil. **Anais Eletrônicos...** Irati: UNICENTRO, 2012. Disponível em: <  
<https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acesso em: 17 de nov. de 2018, 15:46:09.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas. Curitiba. **Anais Eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2009. P. 3413-3419. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos\\_edespecial/biliguingui smo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/biliguingui smo.pdf)> Acesso em: 15 de ago. de 2018, 15:03:08.

LIMA, Maria Aldenora dos Santos; SOUZA, Maria Francisca Nunes de; BRUCE, Christiane da Costa. Aluno surdo x professor ouvinte: retrato do processo de inclusão dos surdos na rede regular de ensino do município de Curzeiro do Sul – Acre. In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. 2013, Londrina. **Anais Eletrônicos...** Londrina: UEL, 2013. p. 382-391. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-036.pdf>>. Acesso em: 03 de ago. 2018, 22:59:12.

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luis Matioli; ALMEIDA, Elomena Barboza de. Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-aluno surdo em um contexto educacional bilíngue. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012.

MALLMANN, Fagner Michel; CONTO, Juliana de; BAGAROLLO, Maria Fernanda; FRANCA, Denise Maria Vaz Romano. A inclusão do aluno surdo no ensino médio e ensino profissionalizante: um olhar para os discursos dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 20, n. 1, p. 131-146, 2014.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; NAPOLITANO, Carlos José. Inclusão, acessibilidade e permanência: direitos de estudantes surdos à educação superior. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 3, v. 33, p. 107-126, dez. 2017.

MESERLIAN, Kátia Tavares; VITALIANO, Célia Regina. Análise Sobre a trajetória histórica da educação dos surdos. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. p. 3736 – 3750. Disponível em: <[http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/241832/mod\\_resource/content/1/TEXT0%20II.pdf](http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/241832/mod_resource/content/1/TEXT0%20II.pdf)> Acesso em: 02 de ago. de 2018, 19:50:20.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. História da Educação dos Surdos no Brasil. In: Seminário de Pesquisa PPE/UEM, 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015. p.1-16. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2015/trabalhos/co\\_04/94.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_04/94.pdf)>, Acesso em: 02 de ago. de 2018, 19:00:20.

MOURA, Maria Cecília de; LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: Otacilio Lopes Filho. (Org.). **Tratado de fonoaudiologia**. 2 ed. Ribeirão Preto, p. 341-364.

PEIXOTO, Janaína Aguiar; PEIXOTO, Robson de Lima; ALBUQUERQUE, Kátia Michaele Conserva; SOUZA, Lígio Josias Gomes de; GUIMARÃES, Patrícia Nascimento. Tradução de obras literárias para a Libras: uma tradição cultural necessária na comunidade surda. João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: UFPB, 2013, p. 1-5.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Carlos Dyego Batista da; SOBRINHO, Francielle Costa; ARAÚJO, Mara Cristina Lopes Silva; FARO, Rubens Alexandre de Oliveira; GLIM, Rebeca dos Reis. O ensino de línguas para alunos surdos em escolas do Pará e Sergipe. In: VII Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2016, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2016. p. 1-12. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/o-ensino-de-linguas-para-alunos-surdos-em-escolas-do-para-e-sergipe>>, Acesso em: 01 de ago. de 2018, 15:24:50.

SOUZA, Regina Maria de; GÓES, Maria Cecília Rafael de. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações para o excludente contexto de inclusão. In: C. Skliar (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 1 ed. Porto Alegre, p. 163-188.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. UFSC, 2009. Disponível em: <[http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf)>. Acesso em: 03 de ago. de 2018, 11:55:20.

STROBEL, Karin Lilian; BASSO, Idavania Maria de Souza; MASUTTI, Mara. **Metodologia de Ensino de Libras – L1**. UFSC, 2009. Disponível em: <[http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE\\_SEM\\_AS\\_IMAGENS\\_.pdf](http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf)>. Acesso em: 27 de fev. de 2018, 11:40:17.